

RESISTÊNCIA E BUSCA POR UMA IDENTIDADE EM *THE AUTOBIOGRAPHY OF MY MOTHER*

Norma Diana Hamilton¹
Universidade de Brasília
(diana_hami@yahoo.com)

Resumo: Neste artigo, partindo dos estudos de gênero e raça, discutimos a questão de resistência e a busca por uma identidade no romance *The Autobiography of My Mother* da escritora afro-americana/caribenha Jamaica Kincaid. Esse *bildungsroman* apresenta a história da mulher negra Xuela Richardson, cuja mãe morre no momento em que ela nasce. A morte da mãe é um mistério para a narradora, que busca resgatar do silêncio e construir uma conexão com a mãe. O título da obra deixa entrever uma integração das identidades de mãe e filha. Em seu longo processo de amadurecimento, Xuela expressa profunda liberdade sexual e controle sobre seu corpo, realizando um aborto autoinfligido, sangrento e doloroso, que a torna estéril pelo resto da vida. Determinada a desafiar os paradigmas de sua sociedade, esta personagem consolida suas capacidades de autodefinição e resistência, atingindo uma nova dimensão de ser, a de reexistência, na qual se autovaloriza e ganha força, cada vez mais, para romper o ciclo da opressão.

Palavras-chave: Resistência; Identidade; Raça e Gênero.

Abstract: The aim of this article is to discuss, based on the field of race and gender studies, the question of resistance and the search for an identity in the novel *The Autobiography of My Mother* written by Black American/Caribbean Jamaica Kincaid. This *bildungsroman* presents the story of the Black woman, Xuela Richardson, whose mother dies at the moment she is born. Her mother's death is a mystery to the narrator who aims at uncovering the silence, which surrounds her mother, as well as creating a connection with her. The title hints at the integration of identities between mother and daughter. Undergoing a long process of development, Xuela shows profound sexual freedom and control over her body. She carries out a self-inflicted, painful and bloody abortion, which makes her sterile for the rest of her life. Determined to challenge the paradigms of her society, this woman develops her capabilities of self-definition and resistance, which enable her to transcend her oppressive society and to find a dimension where she is free and able to value herself.

Keywords: Resistance; Identity; Race and Gender.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar la cuestión de resistencia y la busca por una identidad en la novela *The Autobiography of My Mother* por la escritora afroamericana/caribeña Jamaica Kincaid. Nuestros argumentos son basados en los estudios de género y raza. La novela presenta la historia de la mujer negra Xuela Richardson, cuya madre muere el momento de su nacimiento. La muerte de la madre es un misterio para la narradora, que desea romper el silencio, y desarrollar una conexión con su madre. El título de la novela muestra una integración de las identidades de madre e hija. En un proceso complejo de maduración, Xuela muestra profunda libertad sexual y control de su cuerpo. Ejecuta un aborto autoinfligido que es doloroso, sangriento y la vuelve estéril para el resto de su vida. De esa manera desafía los paradigmas de su sociedad. Desarrolla las capacidades de resistencia e autodefinición que permiten su transcendencia de la realidad opresiva, y su alcance de una nueva dimensión donde es libre y puede valorizarse.

¹ Doutoranda em Teoria Literária e Literaturas em Língua Inglesa pela Universidade de Brasília.

Palabras clave: Resistencia; Identidad; Raza y Género.

O objetivo deste artigo é discutir a questão de resistência e a busca por uma identidade no romance *The Autobiography of My Mother* da escritora afro-americana/caribenha Jamaica Kincaid. Nesse *bildungsroman*², a perspectiva é de Xuela Richardson, mulher de sessenta anos, de descendência africana, escocesa e nativa do Caribe, que reflete, a partir de sua identidade híbrida, sobre diferentes fases de sua vida, sua infância, adolescência e vida adulta. A divisão do romance em sete partes, sem numeração de capítulos, contribui para o efeito de continuidade do intenso monólogo interior e fluxo de consciência que a narradora desenvolve. Vemos, na obra, a estratégia da narrativa introspectiva, na qual a narradora fala para si mesma, o que aponta para a ausência de voz da mulher negra num mundo opressor.

Nesse romance complexo, parece haver uma busca de integração e conexão profunda pela narradora Xuela com a mãe. Ao mesmo tempo em que fala da mãe – sobre quem ela não sabe quase nada, mas que deseja resgatar do silêncio –, ela constrói a autobiografia, de forma que se identifica com a mãe, como se as duas fossem uma única pessoa. O próprio título da obra deixa entrever essa integração de identidades de mãe e filha. Em termos convencionais, a palavra “*Autobiography*” sugere que a obra trata da vida do/a narrador/a. Pela colocação da sentença “*of My Mother*” junto a “*Autobiography*”, Kincaid desafia e desloca a semântica convencional desta palavra no título de seu romance, o que captura o leitor, fazendo com que ele reflita um pouco mais sobre essa colocação. A integração das duas personagens estabelecida desde o título se mantém ao longo do livro. Às vezes, parece que a obra vai ser sobre a mãe da narradora, mas não pode ser, em virtude do quase absoluto silêncio que envolve sua morte. Portanto, a obra é, na verdade, sobre a vida de Xuela.

² Narrativa que focaliza o desenvolvimento e aprendizado da/do personagem principal.

Logo no início do romance, Xuela apresenta as complexas emoções causadas pela morte da mãe, algo que ela busca entender sem sucesso. A ausência da figura materna teve um impacto profundo e significativo em sua vida: “Minha mãe morreu no momento em que nasci, e, desse modo, durante minha vida inteira, não havia nada que me separasse da eternidade; às minhas costas sempre havia um vento sombrio e negro” (KINCAID, 1996, p. 3³). A perda deixou profundas marcas em Xuela, que se torna uma pessoa solitária, desde a infância.

Nos primeiros anos de vida, a narradora cresce em um contexto de hostilidade. Ainda recém-nascida, é abandonada pelo pai, Alfred Richardson, que a entrega à mulher que lava suas roupas – Ma Eunice, uma mulher negra, velha e pobre que, além de não dispor de uma estrutura adequada para cuidar de um recém-nascido, não tem forças para cuidar de mais uma criança. Xuela acaba recebendo apenas o mínimo de cuidados para sobreviver. Nessa fase inocente e de vulnerabilidade, pensa em diversos motivos pela ausência de seu pai e sonha com ele chegando a cavalo para buscá-la. Este sonho lembra as fantasias infantis construídas na tradição ocidental em relação aos príncipes encantados que vêm a cavalo para resgatar as moças em perigo, como em “Branca de Neve” e “Cinderela”. Estas histórias, que existem na fantasia de crianças, brancas principalmente, provavelmente, faziam parte das leituras de Xuela na escola. Observamos que, as/os personagens dessas histórias são sempre brancas/os, o que reforça a negligência da representação de crianças e jovens negros. Sobretudo, as histórias reforçam a representação do homem como herói forte, salvador da mulher, a vítima fragilizada. Aos poucos, Xuela se liberta desse tipo de fantasia e se torna uma mulher resistente, que não se deixa dominar por nenhum homem.

Ainda pequena, tem de escrever uma carta – como tarefa de escola – e decide escrever sobre seu amor por seu pai. Observamos o amor incondicional de uma criança inocente que continua amando, embora tenha visto o pai muito

³ Esse trecho do romance, assim como os demais neste artigo, é tradução nossa.

raramente. Com a carta, Xuela consegue a atenção desse homem que a leva para morar em sua casa com sua esposa. Entretanto, Xuela nunca se sentiu parte dessa família, tendo em vista que seu pai esteve sempre ausente e, além disso, ela teve um relacionamento difícil com a madrasta. Assim, Xuela desenvolve uma vida de solidão, sem receber qualquer apoio emocional dessas pessoas.

Desde tenra idade, Xuela começa a perceber a importância dada aos valores eurocêntricos, e o impacto profundo desses valores no seu contexto social em geral, em suas experiências e nas formas como as/os dominicanas/os tratam um ao outro. Ainda criança, ela quebra um prato de Ma Eunice, que tinha o desenho de uma província inglesa com a palavra *Heaven* [céu] escrita. A reação de Ma Eunice demonstra o profundo valor sentimental que ela tinha pelo prato: ela chorou, puxando os cabelos e batendo no peito. Xuela revela que “a tristeza que ela [Ma Eunice] expressou em função dessa perda me fascinou; foi uma angústia profunda, tão contundente, como se ela houvesse perdido um ente querido” (KINCAID, 1996, p. 8). Xuela percebe que não quebrou apenas um prato, mas que, de certa forma, rompeu o que, para Ma Eunice, era uma conexão significativa com a Inglaterra.

Em relação à escola, Xuela destaca que as primeiras palavras que aprende a ler são “*The British Empire*” [O império inglês]. Ela mostra que as/os professoras/es dominicanas/os e os livros didáticos usados ensinam a crianças dominicanas a cultura e os valores das/os ingleses, em detrimento da cultura e dos valores indo-afro-caribenhos. Ela e suas/seus colegas são obrigadas/os a falar o inglês padrão no contexto escolar. Entretanto, Xuela destaca que entre elas/eles, preferem falar o *French patois* [crioulo francês], “uma língua que não era considerada apropriada” (KINCAID, 1996, p. 16). Isto mostra uma resistência instintiva das crianças caribenhas e seu desejo natural de manter sua linguagem, sua identidade. O imperialismo linguístico tem tido consequências duradouras em países caribenhos, onde o uso forçado da língua inglesa contribui para naturalizar a cultura e as tradições inglesas como superiores àquelas da herança indo-afro-caribenha. Entretanto, há uma resistência – também duradoura – da população caribenha em

geral, que mantém sua língua nativa, como representado por Xuela e suas/seus colegas de classe.

Xuela mostra que existe uma ideologia por trás do ensino sobre os ingleses. Geralmente, eles são apresentados como valentes, belos e inteligentes. Isto pode ser uma forma de subjugação e opressão aos povos negros, pois não se evidencia um discurso na escola, ou na sociedade como um todo, que busque resgatar identidades positivas para as pessoas dominicanas. Usualmente, estas pessoas são vistas – e se comportam – como subordinadas à Inglaterra, política, econômica e culturalmente.

À medida que cresce, Xuela desenvolve uma consciência crítico-reflexiva em relação à naturalização da suposta superioridade do país colonizador. Apesar de seu contexto social, em que as/os jovens são doutrinadas/os – quase sempre com sucesso – a valorizar e amar a civilização do opressor, ela consegue tomar uma atitude distanciada, como podemos ver em sua reflexão:

Essa história de pessoas que nunca conhecerei – [...] os britânicos – tinha por trás dela uma intenção maliciosa: de fazer com que eu me sentisse humilhada, submissa, pequena. Uma vez que identifiquei e aceitei essa malícia direcionada a mim, fiquei fascinada com essa expressão de vaidade: o perfume do próprio nome e das próprias ações é inebriante, isso nunca faz você cansar; isso é sua própria inspiração, isso é sua própria renovação (KINCAID, 1996, p. 60).

Xuela entende a extensão desse processo da internalização dos valores eurocêntricos em pessoas de sua comunidade e a dimensão das consequências para elas. Tem absoluta consciência da profundidade do dano causado a essas pessoas e reflete sobre a complexidade e dificuldade de sua libertação. Em sua comunidade, os pais, inclusive o pai de Xuela, ensinam às/aos filhas/os a suspeitar de outras crianças negras e tentam convencê-las a deixar de fazer amizade com essas crianças. A narradora expressa sua indignação em relação a isso:

Que essas pessoas que se pareciam tanto, que compartilharam uma história comum de sofrimento, humilhação e escravidão, são ensinadas a desconfiar um do outro – mesmo na infância – não é mais um mistério para mim. As pessoas das quais nós deveríamos ter naturalmente desconfiado, estavam completamente além de nossa influência; o que precisávamos para vencê-las, para nos livrar delas, era algo muito mais poderoso do que desconfiança (KINCAID, 1996, p. 48).

A preocupação de Xuela nos remete ao que o pesquisador caribenho Christopher Charles e a feminista afro-estadunidense Yaba Blay (2011) denominam de “supremacia branca”. Isto é, um sistema de exploração e opressão, historicamente construído, no qual as pessoas são classificadas hierarquicamente como “brancas” ou “não-brancas” por pessoas que, em virtude da pigmentação clara de sua pele e de sua origem ancestral europeia, classificam-se como “brancas” e, portanto, superiores. Esse sistema de poder é estruturado e perpetuado para legitimar e manter as categorias raciais, além de proteger uma rede de riqueza, poder e privilégios. Os teóricos dizem ainda que, por ser um sistema, muitas pessoas participam da supremacia branca, e, também, por ser uma ideologia, muitas pessoas pensam, sentem, comportam-se e operam de acordo com essa concepção, como algo natural. Charles e Blay trazem o exemplo do padrão de beleza estabelecido, salientando que a beleza é algo construído socialmente, que confere privilégios para quem a detém: “No contexto da supremacia branca, vemos que o poder funciona como hierarquia, onde o branco está no topo, associado ao belo, e a negritude, na base, associada ao que é bárbaro, negativo e feio” (CHARLES; BLAY, 2011, p. 7). Em *The Autobiography of My Mother*, embora a população seja formada por uma mistura de raças, com grande presença de grupos índios e negros, também se manifesta fortemente essa concepção de supremacia branca em relação ao paradigma eurocêntrico, em que os indivíduos que têm uma pigmentação de pele mais clara são mais valorizados e têm mais privilégio e acesso aos bens públicos.

O pai da narradora, Alfred, também dá mais valor à sua origem europeia do que à africana, que parece rejeitar. Filho de uma africana e um marinheiro escocês,

herdou os traços de seu pai: pele rosa, cabelos vermelhos e olhos cinza. Alfred demonstra, em suas ações, o espírito do colonizador inglês. A opinião de Xuela sobre o pai, antes visto como herói salvador na sua infância, transforma-se radicalmente:

Meu pai rejeitou as complicações dos vencidos; ele escolheu a facilidade do vencedor. [...] ele desprezou todos que se comportavam como as pessoas africanas: não todos que se pareciam com eles, apenas aqueles que se comportavam como eles, aqueles que eram vencidos, derrotados, conquistados, pobres, doentes, ajoelhados, fragilizados por crueldade. [...] E se existiu no meu pai alguma vez o vencedor e o vencido, agressor e vítima, ele escolheu, não surpreendentemente, o manto do primeiro, sempre o primeiro [...] (KINCAID, 1996, p. 186-192).

Percebemos um juízo de valor na fala da narradora, que analisa com desprezo a maneira de agir de seu pai. Xuela gostaria que ele se identificasse com a luta contra a ideologia dominante e a consequente opressão dos povos dominicanos. Entretanto, ao longo do romance, ela se decepciona cada vez mais com seu pai, que persiste com determinados princípios do colonizador em benefício próprio. Para Alfred, é conveniente resolver seus conflitos interiores ao se aliar com os fortes. Sua profissão como policial e, mais tarde, como político, lhe confere muito poder. Xuela revela que ele é um policial corrupto e ladrão, que se enriquece pela exploração das pessoas pobres e mais fragilizadas. Ele internalizou os valores da cultura capitalista europeia de forma egoísta e desonesta.

Alfred sempre conta histórias sobre seu pai, John Richardson: sua origem, seu comportamento, suas aventuras. Foi comerciante de rum e vivia em diferentes países caribenhos colonizados pelos ingleses. Teve muitos filhos – todos meninos – com diferentes mulheres, em toda parte onde vivia. Alfred contava que todos os filhos herdaram o cabelo vermelho de seu pai escocês, algo tão especial que os enchia de orgulho. É importante refletirmos, aqui, sobre a questão da exploração sexual, sobretudo das mulheres negras. Na sociedade dominicana, era comum que

homens brancos e seus descendentes se aproveitassem do grupo de pessoas mais vulneráveis, as mulheres, afrodescendentes e nativas, seduzidas ou abusadas sexualmente, e quase sempre abandonadas quando engravidavam.

Em relação à mãe, Alfred não tem histórias a contar. “Ela era uma mulher da África – onde exatamente na África, ninguém soube dizer. E qual o sentido de descobrir? –” (KINCAID, 1996, p. 49), Xuela reflete com tristeza e sarcasmo. O comportamento de Alfred é lastimável e bem sintomático da atitude do tipo de homem que é. Ele valoriza um pai com quem não conviveu e ignora a mãe, que o criou: “[Ela] permaneceu para ele sem características claras” (KINCAID, 1996, p. 183). Apesar de seu papel fundamental na concepção, na gestação e nos cuidados das/dos filhas/os, essas mulheres são ignoradas e esquecidas. Os valores de Alfred espelham uma cultura patriarcal eurocêntrica, a qual Xuela tem como referência em seu processo de aprendizagem e amadurecimento. Naturalmente, ela desenvolve um sentimento de rejeição a essa cultura, em que as mães e as mulheres em geral são pouco valorizadas.

Em casa, o filho de Alfred é tratado de forma privilegiada pelos pais, enquanto as filhas Elizabeth e Xuela são negligenciadas, uma atitude, infelizmente, ainda observada em muitas culturas contemporâneas.

[...] ela [a madrasta] me deixou sozinha e valorizou seu filho mais que sua filha [Elizabeth]. O fato que ela não deu muita consideração para a pessoa mais parecida com ela, a filha, uma menina, foi tão normal que teria sido percebido somente se fosse o contrário: para pessoas como nós, menosprezar tudo que era parecido mais conosco era quase uma lei da natureza. [...] ela deu mais valor ao filho, porque ele não era como ela: ele não era menina, ele era menino (KINCAID, 1996, p. 52-53).

Na reflexão de Xuela sobre a forma de agir de seu pai e de sua madrasta, observamos a questão de papéis de gênero nessa família: Elizabeth é enviada a um internato católico – embora a família não fosse católica, como aponta a narradora. Notamos o desejo dos pais de que a filha aprenda a ser doce, passiva, submissa,

uma “boa” esposa no futuro, de acordo com os valores patriarcais que eles seguem sem questionamentos. Entretanto, assim como Xuela, Elizabeth demonstra uma atitude de resistência ao patriarcalismo que oprime as mulheres. Então, sem o conhecimento de seus pais, desenvolve um relacionamento com um rapaz de sua vizinhança. Um dia, ao deixá-lo após um encontro amoroso, ela cai com sua bicicleta em um precipício e se torna paraplégica. A paralisia dessa jovem mulher, antes apenas simbólica, torna-se física também. Seu amante nunca a visita no hospital, apesar de ter recebido notícias do acidente. Meses depois, a família de Alfred o encontra e convence a casar-se com Elizabeth. A narradora deixa claro que ele aceita a proposta do casamento com a intenção de enriquecer. Anos depois, Elizabeth tem de lidar com um marido infiel, promíscuo e desumano. Como tantas outras, Elizabeth aceita o destino cruel das mulheres nessa sociedade, e o quanto é difícil romper esse ciclo da opressão.

O filho de Alfred nunca é mandado embora de casa. Ele é visto como herdeiro da família e recebe toda a atenção dos pais. Xuela exprime seu desprezo pela atitude de seu pai em valorizar mais a ascendência inglesa e o filho homem que representa, para ele, a continuidade de sua posição privilegiada. Mais uma vez, Xuela consegue ter uma visão crítica dessa condição, o que a distingue das demais pessoas com as quais convive.

Alfred foi seu nome; ele recebeu o nome de seu pai. Seu pai, meu pai, recebeu o nome de Alfred o Grande, o rei inglês, um personagem que meu pai deveria ter menosprezado, porque ele conheceu esse Alfred não pela linguagem do poeta, o que seria a linguagem de compaixão, mas pela linguagem do conquistador. Meu pai não foi responsável pelo próprio nome, mas foi responsável pelo nome de seu filho. O nome dado a seu filho foi Alfred. Talvez meu pai imaginasse uma dinastia. Foi ridículo apenas para alguém excluído de seu meio, alguém como eu, alguém feminino; qualquer outra pessoa entenderia completamente. Ele havia se imaginado vivendo continuamente pela existência de outra pessoa (KINCAID, 1996, p. 110).

Ao longo do romance, temos a sensação de que Xuela está deslocada naquilo que narra, é a verdadeira posição do/da narrador/a fora-e-dentro [*outsider-within*] (COLLINS, 2009). Sentimos seu distanciamento geral em toda a história: quando ela fala do pai, da escola, de encontros sexuais e das demais experiências que marcam sua vida, narrada por ela mesma. Embora esteja inserida nesse contexto, parece não fazer parte dele. Ela não se encaixa e não quer participar dos valores e do estilo de vida daquelas/es com as/os quais vive.

Percebemos um envolvimento intenso da narradora quando fala da experiência dolorosa e, sobretudo, misteriosa do seu nascimento e, ao mesmo tempo, da morte da mãe. Podemos sentir a aflição da narradora pela escolha de suas palavras, sua repetição incontida e seu constante questionamento em relação à perda da mãe:

Como explicar esse abandono, qual criança pode entender? Essa ligação, **física** e **espiritual** que dizem que uma mãe tem para com sua/seu filha/o, essa confusão de quem é quem, carne e **carne**, essa **inseparabilidade** que dizem existir entre mãe e filha/o – tudo isso não existiu entre minha mãe e a mãe da minha mãe. Como explicar esse abandono, qual criança pode entender? Essa ligação, física e espiritual, essa confusão de quem é quem, carne e carne, não existiu entre minha mãe e a mãe dela, também não existiu entre minha mãe e eu, porque ela morreu no momento em que nasci, e embora eu possa dizer a mim mesma de forma racional que tal coisa é inevitável – pois quem pode fugir da morte – novamente, como alguma criança pode entender tal coisa, um abandono tão profundo? (KINCAID, 1996, p. 199, grifo nosso).

A partir de uma perspectiva psicanalítica, sentimos que Xuela ainda não conseguiu separar-se da mãe, pois ela não passou pelo processo no qual, após o nascimento, a criança vai constituindo a identidade própria, independente da mãe. Em seu livro *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação* (1977), a psicóloga húngara Margaret Mahler e seus colaboradores Fred Pine e Annie Bergam denominam esse processo de separação-individuação, que se refere ao nascimento psicológico e à aquisição de um funcionamento autônomo da/do bebê na presença

da mãe. Para as/os estudiosas/os, a partir dos quatro meses de vida, a criança começa um longo processo de desligamento da fusão simbiótica com a mãe e se apropria de características individuais.

É durante a primeira subfase de separação-individuação que todos os bebês normais dão seus primeiros passos hesitantes em direção à libertação, num sentido corporal, de sua, até então, completamente passiva condição de bebê de colo — o estágio de unidade dual com a mãe (MAHLER et al., 1977, p. 75).

O desaparecimento da mãe de Xuela, na hora em que nasce, dá a sensação de que nasceu sozinha, ou que ela e a mãe ainda são uma só. O título reflete bem tal condição. Xuela não compreende essa perda; é um mistério para ela, mas sente que isso tem grande impacto em sua existência:

Quem era eu? Minha mãe morreu no momento em que eu nasci. Você não é nada ainda no momento em que você nasce. Esse fato da morte da minha mãe no momento em que nasci se tornou um motivo central da minha vida. Não consigo lembrar quando soube desse fato da minha vida pela primeira vez, não consigo lembrar até quando eu não sabia desse fato da minha vida; talvez fosse no momento que eu pudesse reconhecer minha própria mão, mas não havia momento algum que eu me lembrasse que não me conhecia completamente (KINCAID, 1996, p. 225).

A questão de identidade se destaca na busca da narradora por entender a ligação com a mãe. Observamos seu desejo de dar vida, dar voz à mãe, e a impotência dela em fazer isso, pois o passado que envolve sua mãe é marcado pelo silêncio e sua morte está cercada de mistérios. Assim, ela busca identificar sua ancestralidade matrifocal. A narrativa de Xuela pode ser entendida como a tentativa de construção dessa conexão ancestral para reforçar sua identidade, como mulher e como negra, tentando não romper a rede de apoio que a ajudaria a sobreviver.

Portanto, as reflexões de Xuela, ao longo do romance, parecem ser uma busca de reconstruir, na ausência, a presença da mãe. É como se a narradora

buscasse escrever sua própria história a partir da construção de uma história sobre sua mãe; como se ela não estivesse falando de si mesma. Isto constrói uma sensação de estranhamento, o *Unheimlich*. Este termo alemão, conforme explica a pesquisadora Cristina Stevens (2015), refere-se à sensação de familiaridade associada ao mistério do desconhecido, o que gera, simultaneamente, um sentimento de ameaça, terror, ansiedade, saudade de casa, ou seja, do útero, de voltar ao não-ser. Parece que a incessante busca de Xuela para uma compreensão da ausência da mãe envolve uma busca de algo que ela, uma vez, sentiu como familiar, íntimo, mas que não consegue resgatar, nem compreender; isto impulsiona a sua busca por ela mesma e por sua mãe, ao mesmo tempo.

A reconstrução da presença da mãe é complexa, inalcançável. O pouco que Xuela fala sobre ela ocupa não mais que seis parágrafos, não consecutivos, no livro todo. O primeiro parágrafo que dá informações sobre a mãe aparece só na página 79 – já transcorrida mais da metade do romance. O nome de sua mãe era Claudette Desvarieux, um nome francês misterioso, como toda a vida dessa enigmática mulher. Esse nome foi dado por uma freira que a encontrou do lado de fora de um convento. Claudette havia sido abandonada pela mãe quando tinha apenas um dia de vida. O resto do parágrafo explica como Xuela ganhou esse nome, também misterioso: “Xuela” foi escrito nos panos em que sua mãe estava embrulhada quando foi encontrada pela freira, e o pai de Xuela lhe deu esse nome” (KINCAID, 1996, p. 80). A motivação de seu pai por esta escolha também é desconhecida, mas é ele quem une indelevelmente a filha à mãe. A narradora imagina que seu pai amava muito sua mãe e que, naquela época, ele era uma pessoa sentimental e afetuosa.

Na infância, Xuela sonhava com a imagem de sua mãe, que ia ao seu encontro. A mãe “descia de uma escada, com apenas os calcanhares e a bainha de seu vestido branco visíveis” (KINCAID, 1996, p. 31). Parece que, em seu sonho, Xuela diviniza sua mãe, como forma de buscar forças para sobreviver em seu contexto opressor e manter intacta essa união, como maneira de reforçar sua

identidade negra que o pai procura eliminar. Como ela própria reflete, “eu a via a noite inteira no meu sonho. Ela cantava [...]. O som da voz dela foi como um pequeno tesouro encontrado num baú abandonado, um tesouro que inspira contentamento e prazer eterno” (KINCAID, 1996, p. 31).

Esse cenário relembra as ancestrais cultuadas nas tradições religiosas africanas. Como a pesquisadora brasileira Vânia Vasconcelos explica, os orixás femininos, Nanã, Iemanjá, Oxum, Obá, Euá e Iansã exercem muito poder e lembram a força reverenciada das mães primordiais. Segundo Vasconcelos (2014), Nanã e Iemanjá estão associadas ao exercício de maternidade e a lendas de criação. Nanã é representada como uma anciã, guardiã do saber ancestral. Em algumas lendas de criação, é apresentada como fornecedora da lama com a qual se formou o ser humano (VASCONCELOS, 2014). Os orixás femininos têm grande importância nas tradições religiosas africanas, o que difere das mulheres na tradição cristã, como, por exemplo, Maria, mãe de Jesus, vista como uma mulher submissa e passiva, capaz de engravidar “sem pecado”. Por sua vez, Eva, o oposto de Maria, é representativa da mulher desobediente, que é sinônimo de pecadora, e foi punida com a mortalidade por seu pecado da desobediência ao patriarca.

Xuela não consegue ver o rosto da mãe no seu sonho recorrente. Isso nos remete novamente à dificuldade de escrever, não apenas sobre a mãe, mas também sobre as/os ancestrais em geral. Mais uma vez, a forma narrativa se identifica com o conteúdo: não há informações que Xuela possa encontrar sobre os povos nativos caribenhos, assim como os povos africanos, pois foram negligenciados na historiografia tradicional. Suas experiências e histórias pessoais foram distorcidas ou apagadas e são recuperadas apenas em sua (re)construção ficcional:

Essas pessoas estavam esperando ser engolidas pelo grande bocejo do vazio, do nada [...]; mas a parte mais angustiante é que não foi por sua culpa que perderam, e perderam de forma extrema; perderam não apenas o direito de ser elas mesmas, mas também, elas se perderam. Isso é minha mãe. Ela era alta (me disseram –

não a conheci, ela morreu no momento em que nasci) [...]" (KINCAID, 1996, p. 198).

Esse comentário final é repetido várias vezes no romance, o que reforça a falta de conhecimento da mãe e dos povos africanos e nativos caribenhos, que a narradora busca representar. É como se ela trouxesse a questão: como posso escrever sobre essas pessoas se não tenho conhecimento sobre elas?

Ao longo da narrativa, Xuela reflete sobre a rejeição dela pelo pai. Ainda criança, é mandada embora da casa do pai, assim como Elizabeth. O pai arranja com um antigo colega, Sr. Labatte, e sua esposa, para Xuela ficar hospedada em sua casa. Xuela retrata Sra. Labatte como uma mulher oprimida, aniquilada pelo marido ao longo dos anos:

Ele usou contra ela a força da arma que levava entre as pernas, e ele a desgastou. Seu cabelo era branco, não devido à sua idade. Assim como tantas coisas sobre ela, seu cabelo havia perdido a vitalidade, deitado em sua cabeça sem vida [...]. Eu pensei, isto nunca deveria acontecer comigo [...]. Eu me senti forte e senti que sempre serei assim [...] (KINCAID, 1996, p. 65).

Observamos sua determinação, desde cedo, em não se deixar ser dominada por nenhum homem. Ela mantém esta atitude ao longo da vida. Já adulta, ela se apaixona uma única vez por um homem negro dominicano que é casado. A esposa acaba descobrindo a infidelidade do marido e ataca Xuela, que é capaz de pôr um ponto final no relacionamento com esse homem, sem olhar para trás, apesar de seus sentimentos de amor e paixão por ele.

Aos 15 anos, Xuela é seduzida pelo Sr. Labatte, o novo guardião, amigo de seu pai. A esposa desse homem é consciente dos abusos sexuais em sua casa e não reage para impedi-los. De fato, ela os encoraja com a esperança de ganhar um bebê, tendo em vista que ela não pôde tê-los. Observamos aqui a violência articulada à interface de raça e gênero, em que há uma exploração da mulher negra também pela mulher branca. É importante destacar aqui que Xuela não sofre em

função da exploração sexual; pelo contrário, ela tem controle dessa condição, exercendo sua sexualidade sem culpas e enxergando esses momentos como prazerosos, sem se apaixonar.

Xuela não se submete ao desejo de Sra. Labatte de ganhar um filho. Quando ela engravida, ainda adolescente, decide abortar, o que também demonstra seu controle sobre o corpo. O aborto é autoinfligido, sangrento e doloroso e a torna estéril pelo resto da vida. Vale ressaltar que a cena do aborto é bem significativa, porque a descrição de processos corporais comum às mulheres é raramente encontrada na literatura, menos ainda quando se trata de aborto, uma experiência marcada por inúmeros tabus e resistências e ainda criminalizada na maioria dos países. Ao contrário, a maternidade aparece de forma idealizada, como realização maior para as mulheres (STEVENS, 2015), experiência em profundo contraste com aquela vivida por Xuela:

Eu não tinha o cheiro dos mortos, porque para algo ser morto, teria que ter vida antes. Só fiz a vida que estava começando em mim, não morta, apenas não ser. Senti uma dor entre minhas pernas; começou no abdômen inferior e no lombar e desceu nas pernas, essa dor. Eu estava molhada entre as pernas; eu senti a umidade; foi sangue novo e velho. O sangue novo tinha o cheiro de um mineral escavado recentemente que ainda não havia sido refinado e se tornou algo terreno, algo que poderia ter um valor atribuído. O sangue velho tinha o cheiro fedorento, podre e doce, e isso eu amei e respirei fundo quando dominou os outros cheiros no quarto; talvez eu só amei porque era meu (KINCAID, 1996, p. 90-91).

Esta experiência difícil também é analisada com frieza por Xuela, que mantém controle absoluto sobre seu corpo, sobre sua liberdade sexual. Ela exprime sentimento de amor e desejo por seu corpo, diferente da sensação que a maioria das mulheres teria nesse contexto sangrento. O texto pode parecer chocante pela crueza das palavras da narradora, como se ela estivesse fazendo uma autópsia em seu corpo vivo. Entretanto, ao mesmo tempo, observamos que é uma das poucas vezes em que sentimos sua entrega, perdendo o distanciamento que percebemos

ao longo da narrativa. Quando fala dos seus processos dolorosos, como nesse caso, ela mostra um intenso envolvimento. Sobretudo, percebemos que a atitude de Xuela se diferencia de muitas mulheres negras oriundas da classe operária, cujos corpos são explorados não apenas pelo homem branco, mas também pelo homem negro. Lembramos as mães escravas que pariam as/os filhas/os bastardas/os, que seriam vendidas/os logo após seu nascimento. No caso de Xuela, sentimos em suas reflexões sobre seus processos e experiências dolorosas que ela expõe tudo o que busca dominá-la. Não sentimos que ela esteja explorada, nem como negra, nem como mulher. O único amor que ela tem – além do amor por si mesma – é pela mãe, que ela não conhece e que continua sendo um mistério para ela.

Xuela se recusa a ser mãe. Sua negação da maternidade pode ser considerada um ato de resistência contra a opressão que sofre em sua sociedade. No mundo ocidental, os discursos sobre o corpo das mulheres e seus processos têm sido utilizados contra elas por muito tempo. A historiadora e feminista brasileira Tania Swain (2007) observa que as mulheres têm sido reduzidas aos seus corpos e consideradas matéria-prima para a reprodução. Em seu artigo “Meu corpo é um útero?”, Swain afirma que todo discurso que reduz o corpo das mulheres e seus processos à natureza, faz a maternidade a essência do ser. Para ela, a representação da maternidade produzida por discursos patriarcais limita a autonomia das mulheres.

Tecida em uma densa rede discursiva que imbrica memória, tradição e autoridades diversas, a representação da ‘verdadeira mulher’ mãe/esposa/dona de casa é ainda em nossos dias a imagem da maioria das mulheres. A multiplicidade que compõe o desejo e a experiência das mulheres é esquecida pelo efeito homogeneizante da imagem do mesmo (SWAIN, 2007, p. 211).

Percebemos que, do ponto de vista de Xuela, os valores ligados à maternidade são opressivos para as mulheres negras. Ela deseja quebrar esse ciclo

opressor, evitando a maternidade, pois não quer dar continuidade a essa história que oprime as pessoas negras.

Durante anos e anos, cada mês meu corpo incharia um pouco, imitando o estado de maternidade, desejando engravidar, lamentando a decisão do meu coração e da minha mente de nunca trazer uma criança ao mundo. Eu me recusei a pertencer a uma raça, eu me recusei a aceitar uma nação. Eu queria apenas, e ainda quero, observar as pessoas que fazem isso. O crime dessas identidades que conheço agora mais do que nunca, não tenho a coragem de criar. Desse modo, sou nada? Não creio que sim, mas se nada é uma condenação, então eu preferia ser condenada (KINCAID, 1996, p. 226).

Além da recusa de ser mãe, Xuela resiste à sua realidade opressora de diferentes maneiras. Aos 18 anos, ela começa a trabalhar, ampliando o espaço limitado reservado às mulheres e ocupando o espaço público destinado tradicionalmente aos homens. Ela consegue um emprego na construção de uma rodovia em sua cidade. Vestida como homem, trabalha ao lado de homens. Esse emprego a ajudou a se tornar uma pessoa independente e mais segura de si.

Em seu processo de autorreflexão e crescimento, uma das perguntas que ela coloca é: “o que faz com que o mundo se vire contra mim e contra todas que se parecem comigo?” (KINCAID, 1996, p. 132). Ela percebe que essa não é uma pergunta que homens poderosos, como seu pai, fazem a si mesmos e que as respostas não são fáceis de encontrar: “quando faço essa pergunta, uma resposta que encherá páginas e volumes de um livro não aparece para mim” (KINCAID, 1996, p. 132). Ou seja, ela não consegue achar motivos compreensíveis ou aceitáveis para esses valores de uma sociedade que mantém o injusto controle e opressão das pessoas negras, sobretudo, das mulheres negras.

A reflexão de Xuela relembra a narradora Claudia em *The Bluest Eye* (1970), da escritora afro-americana Toni Morrison, que desmantela sua boneca branca na tentativa de achar, no seu interior, um núcleo que explique a razão de ser a boneca preferida pelas crianças brancas e negras em geral. Claudia percebe que não existe

uma substância identificável na boneca que possa destruir; entretanto, a boneca branca dispõe de um valor simbólico incalculável. Assim como Claudia, a indignação e indagação de Xuela indicam sua tomada de consciência, que explica sua rejeição à realidade opressora na qual vive. Essas mulheres, que não se encontram apenas no mundo ficcional, estão inseridas num mundo pós-colonial e representam uma nova fase em contínuo processo de resistência, empoderamento e superação da opressão que enfrentam.

Xuela se casa com um inglês branco, o que parece ser irônico, até que percebemos seus motivos vingativos. Ela revela que não o amou: “Ele não se parecia com alguém que eu podia amar, não se parecia com alguém que eu deveria amar, portanto, determinei que não podia amá-lo e determinei que não deveria amá-lo” (KINCAID, 1996, p. 152). Observamos sua resolução de não se apaixonar por esse homem que tanto a amou. Naturalmente, ele sofre em função da rejeição e da incapacidade de Xuela de amá-lo. Xuela, por outro lado, lida com o relacionamento como forma de exercer sua liberdade sexual, isto é, diferente dos valores ideológicos acerca da mulher, ela consegue desenvolver uma vida sexual prazerosa e libertadora, sem ter alguma ligação sentimental com esse homem. Diferente de Sra. Labatte e outras mulheres, Xuela não aceita se tornar submissa aos homens com os quais ela se relaciona.

Quando Xuela conhece seu marido inglês, ele era casado com uma inglesa branca, a qual Xuela descreve como: “[um] ser humano frágil que formou um sentido de quem ela era a partir do poder de seu país de origem, um país que, ao seu nascimento, tinha a capacidade de determinar a existência diária de um quarto da população do mundo...” (KINCAID, 1996, p. 208). A narradora destaca a atitude e sentimento de superioridade dessa mulher em relação às mulheres dominicanas. A inglesa se refere àquelas mulheres como *woman* [mulher], mas chama a si mesma de *lady* [senhora]. Conforme a narradora explica, para esta inglesa, as mulheres dominicanas eram apenas mulheres; elas têm “uma breve definição: dois seios, uma pequena abertura entre as pernas, um útero; nunca variam e estão sempre no

mesmo lugar. [A inglesa] nunca iria se descrever dessa forma [...]” (KINCAID, 1996, p. 159).

Assim como o discurso patriarcal vincula as mulheres em geral à imanência do corpo, essa mulher branca reduz as mulheres negras aos aspectos do corpo feminino que podem ser usados como objeto para exploração e prazer do homem. São descritas quase como animais, sem nenhuma complexidade psicológica individual que distingue os seres humanos entre si e que os diferencie dos animais. Ela as enxerga como objetos à sua disposição e não como seres humanos que pensam, que também têm histórias e experiências de vida complexas. Inserida numa posição privilegiada nessa sociedade patriarcal e racista, a inglesa não consegue ver as negras como mulheres iguais a ela. Mais uma vez, notamos a opressão articulada à interface de raça e gênero.

Vale salientar, entretanto, que a atitude da inglesa – que mantém a ilusão de poder em virtude de sua cultura poderosa – é patética, tendo em vista que ela, como mulher, é inferiorizada na própria cultura. Seu marido não lhe dá valor, apaixonando-se por uma mulher negra que considera irresistível. Portanto, talvez as expressões da inglesa em relação às mulheres negras vêm de um sentimento de inveja, como mulher reprimida sexualmente também.

Observamos mais uma vez, o discurso crítico de Xuela, que se posiciona criticamente quanto à maneira como a inglesa inferioriza as mulheres negras. Ela percebe a inveja dessa mulher que tem de manter a castidade. Xuela não aceita ser dominada por ela; ao contrário, investe na autoafirmação, procurando sempre cultivar uma boa autoestima. Mostra que é capaz de transcender seu mundo cruel, encontrar a força dentro de si para resistir à opressão do colonizador e passar para uma nova fase, em que a autovalorização permite a libertação psicológica e emocional:

Meu próprio rosto foi um conforto para mim, meu próprio corpo foi um conforto para mim, e não importava o quanto ficaria decepcionada

com alguém ou por qualquer coisa, no final, não deixei nada substituir meu próprio ser na minha própria mente (KINCAID, 1996, p. 99-100).

Nesse último estágio de seu processo de desenvolvimento, Xuela consolida suas capacidades de autodefinição e resistência. Este *bildungsroman* encerra apontando para um futuro promissor. Xuela está determinada a continuar desafiando os paradigmas de sua sociedade e se assegura de que pode ser mulher e ser forte, ser negra e ser bela. Desse modo, ela transcende a opressão real e psicológica de seu mundo cruel. Assim, atinge uma nova dimensão de ser, a de reexistência, na qual se autovaloriza e ganha, cada vez mais, força para romper o ciclo da opressão. Esse é o legado que ela busca deixar de sua existência. Sem um/a filho/a para quem deixar a herança de sua sabedoria, essa personagem feminina negra deixa, entretanto, reflexões fecundantes para o fim da opressão de gênero e raça sob a qual ainda vivemos na sociedade contemporânea. Sua atitude crítico-reflexiva permite a construção de novos valores – estéticos e éticos – para as pessoas negras e, especialmente, para as mulheres negras, sinalizando a possibilidade de um futuro mais positivo para elas.

Referências

CHARLES, Christopher; BLAY, Yaba. Skin Bleaching and Global White Supremacy. **Journal of pan African studies**. Pennsylvania, Vol. 4, No. 4, pp. 4-46, June, 2011.

COLLINS, Patricia. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. 2nd ed. New York: Routledge, 2009.

KINCAID, Jamaica. **The Autobiography of My Mother**. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1996.

MAHLER, Margaret.; PINE, Fred.; BERGMAN, Annie. **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

STEVENS, Cristina. "The body of the mother in contemporary black women narratives: (re)writing immanence towards transcendence." **Ilha Desterro** [online]. 2015, vol. 68, n. 2, pp. 93-101. ISSN 0101-4846. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-80262015000200093&script=sci_abstract

SWAIN, Tania Navarro. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira, (Org.). **Maternidade e feminismo**: diálogos interdisciplinares (pp. 201-244). Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

VASCONCELOS, Vânia. **No colo das labás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas**. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2014.

Recebido em: 15/06/2017

Aceito em: 05/10/2017